

INTRODUÇÃO

O Fluminense completa 110 anos de fundação no ano de 2012. No mesmo ano em que sua maior conquista futebolística, a Copa Rio de 1952, completa sessenta anos. A Copa Rio foi organizada dentro da perspectiva da época como sendo o Campeonato Mundial Interclubes, que reunia os principais clubes campeões de diversos países do mundo.

Sessenta anos atrás, o Rio de Janeiro, o Brasil e o mundo eram muito diferentes – diferenças tecnológicas, sociais, políticas, culturais, econômicas, científicas etc. Por isso, devemos contextualizar esse período histórico para não cometermos erros de avaliação

Para conhecermos um pouco da história da Copa Rio e do futebol mundial, mais do que a paixão, é importante a veracidade dos fatos. Estes não se apagam. Alguns podem querer deturpá-los, ou omiti-los. Outros poderão apresentar argumentações passionais para eles. Mas os fatos em si jamais deixarão de ter existido. E contra os fatos não há argumentos! E o fato é que, em 2 de agosto de 1952, ao conquistar de forma invicta a Copa Rio, o Fluminense Football Club tornou-se campeão mundial de clubes.

A Copa Rio – denominada por Ottorino Barassi – foi uma idealização do jornalista Mário Filho. A criação do campeonato mundial de clubes fazia parte da ideia de transformar o Rio de Janeiro na capital mundial do futebol. Quem possuía o maior estádio do mundo deveria possuir espetáculos condizentes com o gigantismo do Maracanã.

O que procuraremos mostrar neste livro são alguns fatos que envolvem a grande epepeia tricolor de 1952: a Copa Rio. O surgimento do “timinho” de 1951 comandado por Zezé Moreira. Para contextualizarmos essa época da conquista mundial tricolor de 1952 de maneira mais ampla, ressuscitaremos heroicas lembranças. Voltaremos ao ano de 1949, o ano de outra conquista mundial do Fluminense: a Taça Olímpica.

Quem de fato quiser conhecer o Fluminense (tricolor ou não), suas conquistas e sua história, deve entender seus diversos aspectos. E suas tradições. Apesar de criado há 110 anos para a prática do futebol, é preciso compreender que o clube cresceu, sedimentado por três pilares básicos: a supremacia do futebol tricolor, a potencialidade de seus esportes olímpicos e

a sua diversificada e intensa vida social. Não reconhecer isso é não conhecer o Fluminense. São três alicerces sólidos que se completam. E transformaram-lhe em um clube único. Ou melhor, o “orgulho do Brasil”.

Nesta viagem no tempo, poderemos percorrer uma época fascinante, o período em que o Rio era a Capital Federal e tinha como seu clube modelo o Fluminense. Que possuía uma vida social invejável, que despertava o desejo em todos de, ao menos um dia, entrar na suntuosa sede das Laranjeiras e conhecer por dentro a disciplina da “maior organização esportiva do mundo”. Que recebia em sua sede, com a mesma fidalguia, Didi, o “Príncipe Etíope”, como o presidente da Fifa, Jules Rimet. Ou o próprio presidente da República Getúlio Vargas.

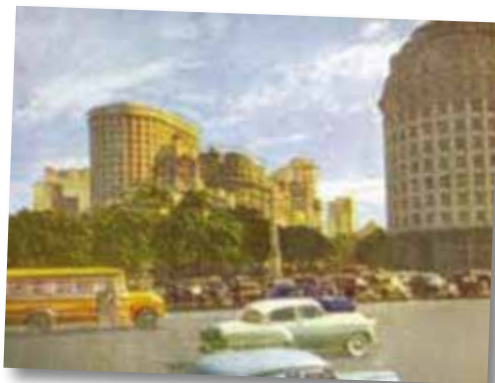
A Copa Rio de 1952 foi conquistada na gestão de Fábio Carneiro de Mendonça. Quis o destino que ele fosse contemplado (ou iluminado) como presidente do Fluminense nesse período fantástico. Em 1952, o Fluminense ainda celebraria de forma extraordinária o seu cinquentenário. O privilégio de ser simbolizado pelo “Cartola” é exclusivo de quem vence usando a fidalguia. Afinal, nossas bolas são nossa metralha. E um bom gol, nosso tiro de morte! Que espetáculo! Salve o Tricolor.

UMA ÉPOCA DE MUITAS CONQUISTAS

Entre 1920 e 1960 o Rio de Janeiro viveu um período de prosperidade e acúmulo de prestígio. Novas dimensões e comportamentos desdobraram a cidade. A população do Rio em 1950 era de 2.336.000 habitantes. A de São Paulo ainda era de 2.198.096 e a do Brasil, 51.944.397, segundo dados do IBGE. Entre 1946 e 1950, aproveitando o momento econômico de recuperação mundial do pós-guerra, o Brasil cresceu a uma taxa média de 8 por cento ao ano.

Uma das marcas da eleição presidencial de 1950 era o jingle da campanha de Getúlio Vargas, uma marchinha de carnaval que se chamava “Retrato do Velho”: *“Bota o retrato do velho outra vez, bota no mesmo lugar. O sorriso do velhinho faz a gente trabalhar...”* No final deu resultado. Getúlio Vargas (PTB) voltava ao poder com 48,73 por cento dos votos, o Brigadeiro Eduardo Gomes (UDN) com 29,66 por cento e Cristiano Machado (PSD) com 9,71 por cento.

O Rio – a Capital Federal – concentrava sofisticados serviços, era o núcleo do sistema bancário nacional, sediava a maior parte dos escritórios das grandes empresas nacionais, era a porta de entrada dos visitantes nacionais e estrangeiros. E ainda recebia um grande aporte de investimentos públicos. O Rio parecia viver um período de eterna prosperidade.



Na época em que o Fluminense vivia um momento mágico, o Rio de Janeiro vivia também um período de muito glamour. Além disso, era a capital da República

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro era a rádio das multidões. Seu sucesso era espetacular. A Nacional chegou a ter um elenco de 670 funcionários, entre os quais, dez maestros e arranjadores, 124 músicos, 96 cantores e cantoras. Deu origem às primeiras obsessões públicas, como o “Programa César de Alencar”. Gerou as paixões pelos cantores Silvio Caldas, Francisco

Alves, Marlene, Emilinha Borba, Ângela Maria, Carlos Galhardo, Cauby Peixoto etc. – com imensos fã-clubes.

O Rádio foi o grande palco de difusão dos artistas e jogadores de futebol. Para o Brasil, a plataforma de definitiva consagração do futebol foi a Rádio Nacional, que, inclusive, formou as torcidas nacionais de futebol para os clubes do Rio. O não carioca torcia por um time local e por um time do Rio de Janeiro. A Nacional era muito poderosa em 1950. A quantia anual que recebia era de quase 50 milhões de cruzeiros. Tupi, Mayrink Veiga e Continental juntas somavam 38,3 milhões.

A TV Tupi Canal 3 foi inaugurada em São Paulo em 18 de setembro de 1950. Em 1951 surgia a primeira emissora carioca, a TV Tupi Canal 6, também dos Diários Associados. Em três anos, São Paulo ganharia mais dois canais, de outros grupos, enquanto o Rio de Janeiro implantava sua segunda emissora em 1955, a TV Rio Canal 13, com estúdios no antigo Cassino Atlântico, no Posto 6.

Antes de 1951-52 o rádio absorvia 24 por cento do total das verbas publicitárias. Depois da inauguração dos primeiros canais de TV, agências e anunciantes diretos passaram a destinar às estações de rádio apenas 12 por cento dos patrocínios, investimento cada vez menor nos anos seguintes.

A TAÇA OLÍMPICA

O Conselho Deliberativo do Fluminense tinha sido convocado para a noite de 14 de janeiro de 1949. Seria realizada a eleição do novo presidente do clube. Nada de excepcional seria oferecido naquela sessão, uma vez que o nome do presidente já estava praticamente escolhido. O eleito – mesmo antes do escrutínio – era o Dr. Fábio Carneiro de Mendonça.

Compareceram 84 conselheiros na noite da eleição. E conforme todos esperavam, foi sufragado o Dr. Fábio Carneiro de Mendonça para a presidência do clube da rua Álvaro Chaves. Fábio obteve 44 votos, houve 33 votos em branco e 7 votos contra. E Fábio venceu a “ala dos votos em branco”. Sua posse como presidente do Fluminense ocorreu na noite de 15 de fevereiro de 1949.

O Fluminense era o mais completo clube esportivo do Brasil. Desde a sua fundação, em 1902, o Flu já tinha participado de campeonatos de vinte modalidades esportivas, competindo em 298 campeonatos. Em um gráfico organizado pelo Departamento Técnico do Flu, as suas equipes desportivas até então tinham conquistado 55 por cento dos campeonatos em que estiveram inscritas.



Taça Olímpica: grande orgulho tricolor

Nos jogos coletivos, de 2.180, conquistaram a vitória em 1.558 e tiveram 145 empates contra 473 derrotas apenas. As percentagens são de 71,4 por cento para vitórias, 6,6 por cento para empates e 22 por cento para derrotas, provando o sucesso das representações esportivas do Fluminense de 1906 até 1948.

Os esportes que o Fluminense disputara até então foram: futebol (amador), futebol (profissional), atletismo (masculino), atletismo (feminino), tênis (masculino), tênis (feminino), basquete, tiro ao alvo, voleibol (masculino), voleibol (feminino), *water polo*, natação (masculino), nata-

ção (feminino), mergulho, hockey, esgrima (masculino), esgrima (feminino), levantamento de peso, tênis de mesa (masculino) e tênis de mesa (feminino).

Com todos esses invejáveis números, em 28 de abril de 1949, o Fluminense conquistou a incomparável Taça Olímpica. Todos colocavam de lado as suas tendências para aplaudir o Flu. Todos rendiam graças, glórias e honras ao Flu por essa magnífica conquista. A Taça Olímpica era a maior conquista esportiva brasileira até então.



A *Coupe Olympique* foi criada em 1906 por Pierre de Fredy, o Barão Pierre de Coubertin, criador dos Jogos Olímpicos da era moderna. A Taça Olímpica é o prêmio máximo que se pode ambicionar no terreno desportivo. Era a mais alta honraria do desporto mundial, sendo considerada o “Prêmio Nobel” do esporte. Desde 1906, o Comitê Olímpico Internacional (COI) vinha distribuindo-a obedecendo aos mais rigorosos critérios de julgamento.

Para um clube chegar ao ponto que o Fluminense tinha chegado era preciso mais que facilidades materiais. Era preciso mais do que vontade e dinheiro. Era preciso unidade. Unidade de pensamento, de espírito e de origem. O Flu era unido e forte pelo esporte.

Desde 1924, o Fluminense perseguia a Taça Olímpica por seus feitos em prol da cultura física e dos esportes em geral. A iniciativa partiu de Afonso Teixeira de Castro. Um dos símbolos da história do Flu, ele vislumbrou, desde cedo, a viabilidade da candidatura tricolor. Considerou que seus serviços ao esporte brasileiro e mundial lhe davam prestígio e direito à candidatura. Nesse tempo, ele ocupava o cargo de diretor-geral de esportes.

Desde o início, o Fluminense trabalhava silenciosa e ininterruptamente para chegar ao topo do mundo esportivo. Coube ao ministro Raul do Rio Branco – diplomata, filho do Barão do Rio Branco, representante da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e membro do COI – apresentar a proposta tricolor em reunião do Congresso Olímpico realizado em Paris em julho de 1924. Mas não seria dessa vez que o Flu lograria êxito. Foi escolhida a Federação Ginástica e Atlética Finlandesa.

O Fluminense fornecia amplos relatórios sobre suas atividades desportivas: números de atletas registrados, títulos conquistados etc. O clube das Laranjeiras renovava sempre sua inscrição ampliando cada vez mais seus relatórios. Sem esmorecer, o Flu voltava a insistir em seu grande desejo. Em 1936, na sessão do Comitê correspondente aos Jogos Olímpicos de Berlim, mais uma vez o Flu era preterido.

A Taça Olímpica poderia ter vindo em 1948, no Congresso de Londres. Havia uma farta documentação a justificar a pretensão tricolor. À margem da reunião, no momento das consultas, os representantes brasileiros e os delegados tricoulores verificaram que uma entidade inglesa – o Conselho de Física e Recreação – também tinha se candidatado.

Londres era a sede dos Jogos Olímpicos. A insistência da candidatura do Flu poderia não ser bem compreendida. Por iniciativa do representante brasileiro José Ferreira dos Santos, o Flu, em homenagem ao adversário, retirava a sua candidatura – gesto que teve simpática repercussão no Congresso. José Ferreira dos Santos e Arnaldo Guinle foram eleitos membros do COI em 1923, juntando-se a Raul do Rio Branco. Arnaldo Guinle – o Patrono do Fluminense – foi presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) de 1947 a 1950, e Ferreira dos Santos, de 1951 a 1962.

Embora contando com algum apoio a favor, a decisão do Fluminense de retirar a candidatura foi como uma homenagem à terra que acolhia a representação brasileira e promovia os Jogos Olímpicos, a fim de não perturbar a unanimidade do Comitê. Ficava assim o Flu com forte cotação para o ano de 1949.

Em 1949, o Flu voltou à carga renovando sua inscrição, quando o Comitê se preparava para o Congresso de Roma. E a expectativa otimista foi confirmada. A mesma unanimidade conferida aos britânicos em 1948 foi proporcionada ao Flu em 1949. Um primoroso e completo “dossiê” cheio de história, de estatísticas e de fotografias era enviado pelo Flu ao COI. E a Taça Olímpica passaria a ter definitivamente o nome do Fluminense Football Club contemplado por toda a vida. O Comitê Olímpico ofereceria ao Flu um diploma de honra, uma placa de prata e uma fotografia ao clube.



Chegavam ao Brasil os primeiros telegramas de Roma, na Itália. A notícia veio assim redigida:

Roma, 28 (*United Press*) – O Comitê Olímpico Internacional anunciou que a Taça Olímpica de 1949 será concedida ao Fluminense, do Rio de Janeiro. O delegado Otto Meyer, da Suíça, a propósito, declarou que a taça é entregue anualmente ao clube que mais destacadamente contribuir para a causa dos esportes.

A Taça Olímpica tratava-se de uma deferência tão excepcional que, pela primeira vez na história do COI, essa honra era prestada a um clube latino-americano, o que nunca mais se repetiu. Aliás, o Fluminense é o único clube de futebol do mundo a conquistá-la.

O Fluminense deve muito desta sua conquista aos esforços e à persistência do grande esportista brasileiro Afonso Teixeira de Castro, que jamais desanimou na luta para que o Fluminense não deixasse de buscar a Taça Olímpica. Arnaldo Guinle e



Ninguém representou melhor o ideal olímpico tricolor do que João Coelho Neto, o Preguinho. Por 33 anos, defendeu o Fluminense nas mais diversas modalidades esportivas. Nesse período, alcançou a incrível marca de 357 medalhas conquistadas. Além do futebol, praticou remo, vôlei, polo aquático, hóquei, saltos ornamentais, tênis de mesa, natação, atletismo e basquete. Um dos exemplos da sua dedicação ao Flu aconteceu em 1925, quando venceu uma prova de natação na Praia de Botafogo e, dali, foi para as Laranjeiras a tempo de disputar a final do Torneio Início, contra o São Cristóvão, e ser campeão. Preguinho foi também o primeiro jogador a marcar um gol pelo Brasil em uma Copa do Mundo, no Uruguai em 1930.

Ferreira Santos, membros do COI, também não pouparam esforços de todo tipo para contemplar as expectativas tricolores. Os três seriam os grandes heróis desta conquista tricolor. A *Coupe Olympique* constituía-se em um acontecimento mundial da maior relevância.

Ao que mais poderia aspirar um clube como o Fluminense, que vivia e lutava, hora após hora, dia após dia, em busca da perfeição? A Taça Olímpica era denominada Taça de Honra e constituía-se mais do que um símbolo dos Jogos Olímpicos. Ela era a filha de um ideal imperecível.

Nenhuma organização mundial poderia comparar-se ao Fluminense no respeito integral e constante aos rígidos princípios que norteavam o pensamento olímpico. Nenhuma organização possuía aparelhamento mais completo, material e técnico.

O Flu a partir de então era o Fluminense Olímpico. Daquela data em diante, de patrimônio do esporte e da cultura física do Brasil, o Fluminense Football Club passava a ser um patrimônio olímpico do mundo.

Sylvio Kelly foi outro símbolo olímpico tricolor, um titã das piscinas. Como nadador do Fluminense, foi campeão carioca, brasileiro, sul-americano e mundial universitário.

Fez parte da histórica equipe tricolor de polo aquático que ficou 104 jogos invicta entre 1951 e 1962. Conquistou também a medalha de bronze no polo aquático no Pan-Americano de Chicago, em 1959. Como presidente do clube, recusou uma proposta milionária para vender Assis, pouco depois de o craque tricolor marcar o gol histórico contra o Fla que garantiu o título carioca de 1983.

Foi Sylvio Kelly também que criou o Centro de Treinamento Vale das Laranjeiras (que leva o seu nome), em Xerém.

Atualmente, na condição de Grande Benemérito Atleta, ele continua dando enorme contribuição ao Fluminense.

